

**ESCOLA DE COMANDO E ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO**  
**ESCOLA MARECHAL CASTELLO BRANCO**

Tenente-Coronel de Infantaria EMÍLIO MÁRIO JANUÁRIO

**Estudo da Luta de Libertação Nacional de  
Moçambique**



Rio de Janeiro  
2019

Tenente-Coronel de Infantaria EMÍLIO MÁRIO JANUÁRIO

## **Estudo da Luta de Libertação Nacional de Moçambique**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ciências Militares, com ênfase em Defesa Nacional.

Orientador: Tenente-Coronel Cristiano Mauri Da Silva

Rio de Janeiro  
2019

J35e      Januário, Emílio Mário

Estudo da luta de libertação nacional de Moçambique / Emílio Mário  
Januário - 2019.

40 p.: il. color.; 30 cm.

Orientação: Cristiano Mauri da Silva

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ciências  
Militares) Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, Rio de Janeiro, 2019.

Bibliografia: f.39 - 40.

1. MOÇAMBIQUE 2. LUTA ARMADA. 3. LIBERTAÇÃO NACIONAL. I.

Título.

CDD 355.4

Tenente-Coronel de Infantaria EMÍLIO MÁRIO JANUÁRIO

## **Estudo da Luta de Libertação Nacional de Moçambique**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ciências Militares, com ênfase em Defesa Nacional.

Aprovado em \_\_\_\_ de outubro de 2019.

### COMISSÃO AVALIADORA

---

**Cristiano Mauri Da Silva - Ten Cel QMB - Presidente**  
Escola de Comando e Estado-Maior do Exército

---

**Fábio Gladzik - Ten Cel Inf- Membro**  
Escola de Comando e Estado-Maior do Exército

---

**Adriano De Paula Fontainhas Bandeira - Maj QEM - Membro**  
Escola de Comando e Estado-Maior do Exército

A minha amada esposa Celina Alberto Manjate aos meus queridos filhos Belucha, Martins João, Azarias e Emílio Junior, uma homenagem simples e como reconhecimento a todo amor, paciência, compreensão em todos os momentos de ausência dedicação e carinho durante toda a minha jornada. Vocês são o meu incentivo, minha inspiração e meu porto seguro na minha vida.

## **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro lugar, agradeço ao Deus por tudo que tem me proporcionado na minha vida junto à família, pelas bênçãos recebidas e pela Paz e serenidade alcançada nos momentos críticos da vida.

À Escola do Comando e Estado-Maior do Exército, pelos ensinamentos e experiências recebidas oportunamente, como uma Instituição de Excelência.

Não se esquecendo dos meus queridos Pais, Mário Januário e Madalena Baciano, pela educação proporcionada até tornar-se um Homem espelho da sociedade, nesta vida terrena.

Aos meus amigos da turma do Curso de Comando e Estado-Maior do Exército 2019, pelos incentivos e ajudas constantes prestadas no processo de aprendizagem em qualquer lugar.

Ao corpo dos Instrutores da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, pelos ensinamentos transmitidos com sabedoria e pela camaradagem e amizade demonstrada com toda firmeza no contexto diário e em busca de aperfeiçoamento Pessoal e outros Alunos Oficiais.

Ao Tenente Coronel Cristiano Mauri Da Silva, meu ilustre Orientador, pelo interesse, orientação e acompanhamento até a produção final do trabalho.

Em suma, digo meus agradecimentos por todo apoio prestado durante o processo de ensino.

## RESUMO

Este trabalho apresenta um estudo sobre a Luta de Libertação Nacional de Moçambique, que envolvia as tropas da Colônia Portuguesa e as Forças da Frente de Libertação de Moçambique-FRELIMO, durante Dez anos da Luta Armada. Deste modo, com a partilha da África, através da Conferência de Berlim, realizada entre 1884 e 1885, onde estiveram reunidas 14 potências imperialistas do século XIX, para debater a ocupação do continente africano, Portugal, ocupou militarmente o território Moçambicano, tendo colonizado cerca de 400 anos. Devido aos maus tratos e trabalhos forçados, o Povo Moçambicano, começou a exigir a Independência Nacional, em resposta, o Povo era torturado e proibido de falar da independência. Um dos marcos que espelha esta ação, registrou-se no dia 16 de junho de 1960, em Mueda, onde a População foi massacrada exigindo a sua liberdade, aumento de preço de compra dos produtos e o melhoramento das condições de vida. Este acontecimento até hoje, é conhecido como Massacre de Mueda, onde perderam a vida aproximadamente seiscentas pessoas, segundo as fontes históricas. Neste período, já havia focos de existência dos três movimentos nacionalistas políticos, sendo UNAMI, UDENAMO e MANU, que contribuíram de forma estratégica para a criação do movimento único, dando origem à FRELIMO no dia 25 de junho de 1962, unificados na Tanzânia pelo Dr. Eduardo Chivambo Mondlane. No período de 23 a 28 de setembro de 1962, foi realizado o primeiro congresso da FRELÍMO, em Dar-Es-Salaam na Tanzânia, onde a FRELIMO oficializou o movimento que acabava de ser criado, com a união dos Moçambicanos de vários pontos do país e tomaram a decisão do futuro de Moçambique, tendo como lema,: a luta armada para liquidação do Colonialismo Português, rumo à independência Nacional. No dia 25 de setembro de 1964, a FRELIMO, iniciou com a Luta Armada no Posto Administrativo de Chai, atual Província de Cabo Delgado. Depois dos Dez anos da Luta Armada, no dia 7 de Setembro de 1974, em Lusaka, a FRELIMO e o Governo Português, assinou os acordos de Lusaka, onde o Estado Português reconheceu formalmente o direito do povo de Moçambique à independência e o princípio da transferência de poderes, ou seja, transferência da soberania que detinha sobre o território de Moçambique e, no dia 25 de Junho de 1975, seria solenemente proclamada a independência total e completa de Moçambique, data que coincidiria, propositadamente, com o aniversário da fundação da FRELIMO.

**Palavra-chave:** Luta Armada de Libertação de Moçambique para a Independência Nacional.

## ABSTRACT

This paperwork presents a study about Mozambique's National Liberation War, involving Portuguese Colony Forces and Mozambique's Liberation Front (FRELIMO), during ten years of fight. In this sense, with the Africa partition, through the Conference of Berlin, made between 1884 and 1885, where 14 imperialists powers of XIX century were gathered to debate the occupation of the African territory, Portugal militarily occupied the Mozambican territory, having colonized it for around 400 years. Due to the bad treatment and forced labor, the Mozambican people started to demand their National Independence, and, in response, the people were tortured and forbidden to speak about independence. One of the marks que reveals this action was registered on June 16<sup>th</sup>, 1960, in Mueda, where the population was slaughtered while demanding their freedom, raise of products shopping power and improvement of life conditions. This event, until nowadays, is known as Massacre of Mueda, when approximately 600 people lost their lives, according to historical sources. In this period, there were already traces of the existence of 3 nationalists 'political movements, UNAMI, UDENAMO and MANU, which contributed, in a strategic way, to the creation of a single movement, rising FRELIMO on June 25<sup>th</sup> 1962, unified in Tanzania by Dr Eduardo Chivambo Mondlane. From September 23<sup>th</sup> to 28<sup>th</sup> 1962, the First FRELIMO Congress took place in Dar-Es-Salaam, Tanzania, where FRELIMO made the recently created movement official, uniting Mozambicans from several places to decide Mozambique's future, carrying the oath of call to arms to put an end to Portuguese colonialism and to ensure national independence. On September 25<sup>th</sup>, 1964, FRELIMO started the fights at the Chai's Administrative Post, today's Delgado Cape Province. After 10 years, on September 7<sup>th</sup>, 1964, in Lusaka, FRELIMO and Portuguese Govern signed the Lusaka's Agreement, with Portugal formally acknowledging the independence rights of Mozambique's people and the principle of powers transference, or sovereignty transference, that they held over Mozambican territory. On June 25<sup>th</sup>, 1975, the total and complete independence of Mozambique was solemnly proclaimed, coinciding, purposely with FRELIMO's foundation anniversary.

**Key words:** Mozambique's Liberation War.



## LISTA DE FIGURAS

Figura N° 1 - Mapa de Moçambique .....	11
Figura N° 2 - Foto de Ngungunhane .....	13
Figura N° 3 - Fotos de Fundação da FRELIMO em Dar-Es-Salaam ....	14
Figura N° 4 - Foto do Presidente Samora Moisés Machel .....	26
Figura N° 5 - Operação Nó Górdio .....	29
Figura N° 6 - Revolução dos Cravos .....	31
Figura N° 7 - Fotos de Acordo de Lusaka .....	34
Figura N° 8 - Fotos do dia da Independência Nacional .....	36

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

FRELIMO	Frente de Libertação de Moçambique
ECEME	Escola do Comando e Estado-Maior do Exército
UDENAMO	União Democrática Nacional de Moçambique
MANU	Mozambique African National Union
UNAMI	União Nacional Africana de Moçambique Independente
FPLM	Forças Populares de Libertação de Moçambique
URSS	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas
MFAPAE	Movimento das Forças Armadas de Portugal Aliados a Esquerda
PAIGC	Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde
COFI	Comando Operacional das Forças de Intervenção
PIDE	Polícia Internacional e de Defesa do Estado (Portugal)
MFA	Movimento das Forças Armadas (Portugal)

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
1.1	LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA DE MOÇAMBIQUE.....	10
1.2	CONTEXTUALIZAÇÃO.....	11
<b>2</b>	<b>GUERRAS DE RESISTÊNCIA EM MOÇAMBIQUE CONTRA OS PORTUGUESES</b> .....	12
2.1	NGUNGUNHANE, O REI MOÇAMBICANO.....	12
<b>3</b>	<b>FUNDAÇÃO DA FRELIMO</b> .....	14
3.1	PRIMEIRO CONGRESSO DA FRELIMO.....	15
3.2	O PRIMEIRO GRUPO DOS GUERRILHEIROS DA FRELIMO PARA ARGÉLIA.....	15
3.3	ENVIO DE ELEMENTOS CLANDESTINOS À MOÇAMBIQUE.....	16
3.4	INÍCIO DA LUTA ARMADA.....	16
3.5	O PRIMEIRO TIRO DOS GUERRILHEIROS DA FRELIMO.....	17
3.6	AS RAÍZES DO PARTIDO FRELIMO.....	19
3.7	A FRELIMO E O POVO NAS ZONAS LIBERTADAS.....	20
3.8	O PAPEL DO CAMPESINATO NAS ZONAS LIBERADAS.....	22
3.9	UNIDADE, NAÇÃO E REVOLUÇÃO.....	24
3.10	A CRISE NA FRELIMO.....	26
<b>4</b>	<b>OPERAÇÃO NÓ GÓRDIO</b> .....	28
4.1	CAPTURA MAIS DE UMA CENTENA DE SOLDADOS PORTUGUESES....	30
<b>5</b>	<b>ESTADO PORTUGUÊS EM CRISE</b> .....	31
5.1	A REVOLUÇÃO DOS CRAVOS SUA ORIGEM.....	31
5.2	CONSEQUÊNCIAS DA REVOLUÇÃO DOS CRAVOS.....	32
<b>6</b>	<b>ACORDOS DE LUSAKA</b> .....	34
<b>7</b>	<b>PROCLAMAÇÃO DA INDEPENDÊNCIA NACIONAL</b> .....	36
<b>8</b>	<b>CONCLUSÃO</b> .....	37
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	39

## 1 INTRODUÇÃO

O Trabalho de Conclusão do Curso, em apresentação, destina-se para a investigação acadêmica a propósito do seguinte tema: Estudo da Luta de Libertação Nacional de Moçambique para a Independência, de modo o mesmo constituir-se-ia em plano de trabalho para a consecução dos objetivos de uma pesquisa científica da temática disposta. Mais que isso, por fundamentação científica, tenciona apresentar um Trabalho de conclusão de Curso, para o Curso de Comando e Estado Maior, realizado na Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME).

### 1.1 LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA DE MOÇAMBIQUE

Moçambique, oficialmente designado como República de Moçambique, é um país localizado no sudeste do Continente Africano, banhado pelo Oceano Índico a leste e que faz fronteira com a Tanzânia ao norte; Malawi e Zâmbia a noroeste; Zimbábwè a oeste e Suazilândia e África do Sul a sudoeste, a Capital do País é Maputo, a Língua oficial é portuguesa, a Moeda em uso é Mítical. Com uma extensão territorial de aproximadamente 801.590 mil quilômetros quadrados, apresentando uma densidade populacional cerca de 31.071.755 Habitantes, distribuídos em 11 Províncias e 154 Distritos. Em relação ao relevo, Moçambique, tem um relevo com o formato de escadaria, ou seja, ao caminhar-se do litoral para o interior tem três degraus em que o mais baixo corresponde a planície no litoral, o intermediário são planaltos e o mais alto são as montanhas no interior. O clima do país é úmido e tropical, influenciado pelo regime de monções do Índico e pelas correntes quentes do canal de Moçambique, com estações secas de maio a setembro. As temperaturas médias variam entre os 13-40 °C de janeiro a dezembro, a estação das chuvas ocorre geralmente com maior frequência entre abril e dezembro. Os principais rios de Moçambique têm suas nascentes nos países vizinhos, exceto no norte do país onde a maioria das nascentes tem a sua bacia hidrográfica totalmente em Moçambique.

Os rios de Moçambique têm um regime periódico, como o das chuvas que os alimentam, a maior parte destes rios não é navegável, porque são facilmente assoreáveis devido à extensão da planície litoral. Essa característica periódica dos rios é influenciada pelo clima de Moçambique com duas estações nítidas: chuvosa e seca. O clima é muito influenciado pelas monções do Índico, mas são sensíveis as

diferenças climáticas entre o norte e o sul. A temperatura e a umidade diminuem à medida que se caminha para o sul. As oscilações do caudal dos rios ao longo do ano são condicionadas, por fatores climáticos, registrando os caudais máximos na época das chuvas e os mínimos na estação seca. Segundo as fontes da Internet, site: Enciclopédia Livre, da Koppen-Geiger. Org Moçambique.



FIGURA1 – Mapa de República de Moçambique

Fonte: <https://thumbs.dreamstime.com/z/mozambique-administrative-map-division-47477192.jpg>

## 1.2 CONTEXTUALIZAÇÃO

O presente Tema em análise, aborda sobre a Guerra de Libertação Nacional de Moçambique, desencadeada com a Frente de Libertação de Moçambique, contra a penetração portuguesa em Moçambique, iniciada no início do século XVI. Só em 1885, com a partilha da África pelas potências europeias durante a Conferência de Berlim, a referida penetração se transformou numa ocupação militar, ou seja, na submissão total dos estados ali existentes, que levou, nos inícios do século XX a uma verdadeira administração colonial. Depois de uma guerra de libertação que durou cerca de 10 anos, Moçambique tornou-se independente em 25 de Junho de 1975, o fruto da Luta Armada, desencadeada pelas Forças da Frente de Libertação de Moçambique-FRELIMO contra o Exército Português. O surgimento desta luta de libertação Nacional de Moçambique, derivou-se pelo aparecimento dos primeiros marcos de dominação anticoloniais, que se caracterizou pelas ocorrências de regimes capitalistas perpetrados pelos Colonialistas Europeus, fato que impulsionou a realização das grandes revoltas manifestadas em guerras de resistência contra o regime Colonial.

## **2. GUERRAS DE RESISTÊNCIA CONTRA A PRESENÇA PORTUGUESA EM MOÇAMBIQUE**

### **2.1 NGUNGUNHANE, O REI MOÇAMBICANO QUE LUTOU CONTRA A OCUPAÇÃO PORTUGUESA**

Para além de outras guerras de resistências realizadas pelo Povo Moçambicano, quase em todo território Nacional contra a presença do Regime Português, o Ngungunhane foi o último rei de Gaza que resistiu à ocupação colonial de Portugal. Um século depois da sua morte, por volta de 1850, tornou-se um símbolo da resistência moçambicana no sudeste do território do Império de Gaza. No seu auge, o reino do seu avô Manukuse ocupava um vasto território, que se estendia do rio Incomati, no Sul, e do Oceano Índico, no Leste, até aos rios Zambeze e Save, no Norte, ocupando grande parte do que é hoje o território moçambicano e parte dos países vizinhos. Ngungunhane, cujo nome de nascimento é Mudungazi, tornar-se-ia o último rei de Gaza antes do império ser derrotado pelos portugueses. Morreu em 23 de dezembro de 1906, no exílio na Ilha Terceira, nos Açores. Com a morte de Manukuse, avô de Ngungunhane, em 1858, deu origem a uma guerra pela sucessão entre dois herdeiros do fundador do império. Com o apoio das autoridades portuguesas, Muzila conquistou o poder. Porém, também a sua sucessão foi problemática. O seu filho Mudungazi, com o apoio da sua esposa favorita, Yosio, ordenou a morte de um dos seus irmãos e tornou-se imperador de Gaza em 1884. Mudou o seu nome para Ngungunhane, "o terrível" ou "o invencível". Durante 11 anos, governou com poder absoluto, fazendo uso excessivo de violência no tratamento dos seus povos vassallos. Ngungunhane tomou o poder alguns meses antes da Conferência de Berlim (1884-85), onde as nações europeias dividiram literalmente África entre si, marcando o clímax do apetite europeu por este continente.

Face ao crescente interesse da Grã-Bretanha e da Alemanha pelos territórios moçambicanos, Portugal sentiu uma pressão crescente para impor definitivamente o seu poder e suprimir o Império de Gaza. Percebendo as rivalidades entre os países europeus, Ngungunhane, para obter vantagens durante os anos do seu reinado, jogou diplomaticamente com diferentes potências, nomeadamente a Grã-Bretanha e Portugal. No início de 1895, António Eanes, Alto Comissário para Moçambique, ordenou uma ofensiva militar contra Ngungunhane, que, naquela época, já havia

perdido a lealdade de muitos dos seus súditos. O seu império era, assim, invadido por confrontos sangrentos. Depois das batalhas em Coolela e Mandlaka, Ngungunhane fugiu para Chaimite, província de Gaza, a aldeia sagrada do império onde o seu avô estava enterrado. A 28 de dezembro de 1895, o "Leão de Gaza" foi preso por Mouzinho de Albuquerque, o governador português do distrito militar de Gaza.

Deportado para a capital portuguesa, Ngungunhane e a sua comitiva foram expostos à curiosidade popular. Cruzaram Lisboa numa jaula antes de serem exibidos no Jardim Botânico de Belém. Ngungunhane passou o resto da sua vida no exílio em Portugal. Aprendeu a ler e escrever e foi convertido à força ao cristianismo e batizado com o nome de Reinaldo Frederico Gungunhane. O "Leão de Gaza" morreu vítima de hemorragia cerebral, a 23 de dezembro de 1906.



FIGURA 2: Foto de Ngungunhane  
Fonte: [http:// www.vidas.lusofona.pt/ ngungunhane.htm](http://www.vidas.lusofona.pt/ngungunhane.htm)

Segundo o escritor moçambicano Mia Couto:

A memória de Ngungunhane foi concebida para promover a unidade Nacional entre as novas gerações. Contudo, vários especialistas consideram que o objetivo ficou longe de alcançar. Um século depois da derrota de Ngungunhane a sua resistência ao colonialismo é ainda lembrada pela violenta opressão de muitos dos seus súditos. (Mia Couto, 2018).

### 3. FUNDAÇÃO DA FRELIMO

Com o surgimento do nacionalista por parte dos moçambicanos, união dos primeiros movimentos Políticos sendo UNAMI, UDENAMO e MANU, contribuíram numa forma estratégica para a criação do movimento único, que deu origem à FRELIMO no dia 25 de Junho de 1962. Depois da unificação das Forças da Frente de Libertação de Moçambique-FRELIMO, definiu-se como objetivo prioritário, a consolidação da Unidade Nacional como instrumento base para a organização e unificação de todos os Movimentos que se encontravam a soldo no território Moçambicano. Deste modo, o Eduardo Mondlane, que naquela época era um Professor Universitário nos Estados Unidos da América e funcionário das Nações Unidas, acabou-se tornando o Principal Dirigente e mentor da FRELIMO, fundada como resultado da unificação dos Três Movimentos Nacionalistas.



FIGURA 3 – Foto da fundação da FRELIMO na Tanzânia no dia 25.06.1962  
FONTE: <https://delagoabayword.files.wordpress.com/2011/11/10-gov-de-moc3a7-independente.jpeg>

A FRELIMO foi fundada em Dar-Es-Salaam na Tanzânia, em 25 de junho de 1962, quando três organizações Nacionalistas de base regional – a União Democrática Nacional de Moçambique (UDENAMO), a *Mozambique African National Union* (MANU, à maneira da KANU do Quênia), e a União Nacional Africana de Moçambique Independente (UNAMI), fundiram-se em movimento guerrilheiro de base ampla sob os auspícios do presidente antropólogo Eduardo Chivambo Mondlane. A recém-formada FRELIMO estabeleceu a sua sede em 1963 na cidade de Der-es-Salaam. (FRELIMO, 1962).



### 3.1 PRIMEIRO CONGRESSO DA FRELIMO

O primeiro congresso da FRELÍMO, foi realizado no dia 23 a 28 de setembro de 1962, em Dar-Es-Salaam na Tanzânia, onde a FRELIMO oficializou o movimento que acabava de ser criado, com a união dos Moçambicanos de vários pontos do país, sendo norte, sul e centro, tomaram a decisão do futuro de Moçambique, tendo como lema, a luta armada para liquidação do Colonialismo Português, rumo à independência Nacional.

No seu primeiro Congresso, a FRELIMO definiu uma plataforma capaz de unir todos os patriotas Moçambicanos, fixou como objetivo central a Libertação Nacional e determinou a estratégia e a tática para atingir esses objetivos. Definiu ainda o papel fundamental da unidade no processo de Libertação Nacional, pois a divisão era a causa maior do fracasso da resistência histórica ao Colonialismo. (FRELIMO, 1977, p.24).

De uma forma geral, no Primeiro Congresso da FRELIMO, foram aprovadas várias resoluções, com destaque para a que preconizava o emprego de todos os esforços para o alcance da Independência Nacional. Com efeito, de acordo com o programa aprovado, a FRELIMO defendia a “liquidação geral do colonialismo português em todas as suas formas e manifestações e a luta por todos os meios para a liquidação da dominação colonial portuguesa e de todos os vestígios do colonialismo e imperialismo em Moçambique.

### 3.2 O PRIMEIRO GRUPO DOS GUERRILHEIROS DA FRELIMO PARA O TREINAMENTO MILITAR NA ARGÉLIA

No contexto de responder os objetivos determinados no Congresso, com a declaração oficial da criação da FRELIMO, foram enviados os primeiros grupos de guerrilheiros para o treinamento militar na Argélia e, no ano seguinte, para China, Egito, Israel e a URSS.

Deste modo em 1963, a Argélia acolheu três grupos de Moçambicanos para receberem treinos de guerrilha de forma a criar uma força militar. O primeiro grupo foi chefiado por Filipe Samuel Magaia, o segundo, por Samora Moises Machel e o terceiro, por António Silva. Os Combatentes, após o treinamento na Argélia, no seu regresso, estabeleceram os primeiros campos de treinos militares, em Bagamoyo, em 1963, e em Kongwa em 1964, a China enviou instrutores militares para estes campos.

Nos princípios de Maio do mesmo ano, a FRELIMO, enviou o primeiro contingente de guerrilheiros para a China, composto por onze (11) elementos, nomeadamente, Filipe Samuel Magaia, (chefe do grupo), José Macamo, (Adjunto chefe do grupo), José PhahlaneMoiane, Cândido Mondlane, Paulo Samuel Kankhomba, Alfredo Maria Manuel, Matias Victor, InoqueMitser, Francisco Mandego, Francisco Kufa e Sebastião Marcos Mabode. Enquanto a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), acolhia o grupo de recrutas Moçambicanos, países como Egito, Gana e Israel, forneciam ajuda militar e formavam outros quadros Moçambicanos.

Visando manter uma retaguarda segura e estratégica na Tanzânia, a FRELIMO criou um estabelecimento militar que servia como base e postos de treinamento, que denominavam Centro de Formação do Homem Novo. (PACHINUAPA, 2005, p.12).

### 3.3 ENVIO DE ELEMENTOS CLANDESTINOS À MOÇAMBIQUE

Em maio de 1964, a FRELIMO enviou à Moçambique elementos para o trabalho clandestino, com objetivo de organizar e dar tarefas concretas às populações, com vista ao desencadeamento da Luta Armada de Libertação Nacional.

### 3.4 INÍCIO DA LUTA ARMADA

Depois do treinamento Militar dos primeiros guerrilheiros enviados ao exterior, no dia 25 de setembro de 1964, o Primeiro Presidente da FRELIMO, Dr. Eduardo Chivambo Mondlane, fundador da Frente e obreiro da Unidade Nacional, ordenou o início da luta armada contra o colonialismo português, no território moçambicano, o qual declarou o seguinte:

Moçambicanas e moçambicanos, operários e camponeses trabalhadores das plantações, das serrações, trabalhadores das minas e dos caminhos de ferro, dos portos e das fábricas, intelectuais, funcionários, estudantes, soldados do Exército Português, homens, mulheres e jovens patriotas: em vosso nome a FRELIMO declara hoje solenemente a insurreição geral armada do Povo Moçambicano contra o Colonialismo Português para a conquista da Independência Nacional total e completa de Moçambique. O nosso combate não cessará senão com a liquidação total e completa do Colonialismo Português. (EDUARDO MONDLANE, 1975).

### 3.5 O PRIMEIRO TIRO DOS GUERRILHEIROS DA FRELIMO CONTRA COLONIALISMO PORTUGUÊS

A História oficial em Moçambique atribui a Alberto Chipande o primeiro tiro da guerra contra o colonialismo português, no posto administrativo de Chai, distrito de Mueda, província de Cabo Delgado, norte de Moçambique, a 25 de setembro de 1964. No tocante ao efetivo da FRELIMO nas operações, possuía o seguinte Contingente: em 1964, a guerrilha contava com 250 Homens, contra 35 mil Soldados Portugueses; em 1967, a FRELIMO, atingia 8 mil Homens treinados, contra os efetivos de aproximadamente 65 mil a 70 mil Soldados Portugueses (Mondlane, 1995, p. 114).

Obviamente, a capacidade militar portuguesa, era bem maior do que a Moçambicana, tanto em quantidades de Homens quanto em recursos a serem gastos com a guerra; contudo, havia muitos problemas para Portugal: a População Moçambicana era, em sua maioria, hostil aos portugueses; a FRELIMO era composta por Moçambicanos, ao passo que o Exército Português era composto por um efetivo estrangeiro, lutando em território desconhecido; e a Luta em Moçambique, assim como em outras Colônias Portuguesas, tornava-se um problema interno para o Governo de Portugal, pois ocorriam gastos excessivos e não havia apoio popular.

Em Lisboa, por razões política e de propaganda, o governo procurou minimizar o conflito, encobrendo-o e qualificando a luta armada como um simples restabelecimento da ordem. (CABAÇO, 2007, p.362-3).

Diferentemente de Portugal, que possuía um Exército regular, a FRELIMO contava com um Exército não convencional e desenvolvia tática de guerrilha - atacava o inimigo e depois recuava, pois mantinha um santuário estratégico protegido na Tanzânia.

A FRELIMO realizava ataques de surpresa, onde geralmente causava às Tropas do Exército Português enorme baixas, apesar do ponto de vista militar, sempre foram superiores nas ações combativas. A FRELIMO, implementou o uso das medidas estratégicas de guerrilha, onde atuavam em pequenos grupos realizando incursões rápidas, tais como ataques às colunas militares portuguesas, sabotagem de viaturas, colocação de minas pessoais e antitanque nas picadas por onde transitava a tropa do Exército Português, bem como outras ações mais eficientes da guerrilha. Durante o período chuvoso era mais difícil perseguir os guerrilheiros por via aérea, anulando a

superioridade aérea de Portugal. E mesmo por via terrestre dificultando os movimentos dos carros de combate. Por seu lado as Forças libertadoras da FRELIMO, com o seu equipamento mais leve eram capazes de escapar pelo mato e juntar-se às populações locais, passando despercebidas. Além disso, as Forças da FRELIMO conseguiam alimentar-se dos produtos do terreno por onde passavam, ou oferecidos pela população, não ficando, assim dependentes de uma logística organizada e complexa.

Portugal, precisava do sucesso imediato em sua ofensiva, ao passo que a FRELIMO, se utilizava do conhecimento da região e da identidade com a população para fomentar ainda mais o sentimento de nacionalidade e, com isso, adensar o seu Exército guerrilheiro. Desta forma, o tempo contava a favor da guerrilha.

No decorrer da Luta Armada, a FRELIMO, viu-se inicialmente confrontada com muitas contradições ao nível interno, mas, apesar disso, as divisões ainda em aberto foram postas e relegadas para o segundo plano. Portanto, apesar das dissidências e do aparecimento de organizações rivais no seio, a FRELIMO conseguiu, no ano de 1965, avanços significativos no único campo realmente importante, ou seja no interior de Moçambique, afirmando a existência do movimento naquilo que, na época, se chamavam as Zona Semilibertadas em Cabo Delgado e Niassa, as duas Províncias ao sul da fronteira com a Tanzânia. O movimento consolidou a sua posição como o verdadeiro movimento de Libertação de Moçambique e foi confirmado como tal pela Organização de Unidade Africana. A primeira moção apresentada no Parlamento Sueco para que se prestasse ajuda oficial direta a um movimento Africano de Libertação teve como objetivo que se ajudasse a FRELIMO, e foi apresentada pelo então designado Partido Comunista, em janeiro de 1967.

Uma vez que Moçambique era oficialmente conhecido como uma "Província Portuguesa, o termo "Distrito" fazia parte do jargão Colonial. Nos primeiros documentos emitidos, a FRELIMO, usava alternadamente os termos " Província " e " Distrito " para designar o mesmo território administrativo, o mesmo se aplicando em Angola. A FRELIMO foi reconhecida pela OUA em 1963.

Depois de repelir os contra-ataques dos militares portugueses, a FRELIMO viria, ao longo dos anos, a conseguir aumentar a sua presença nas Províncias do Norte, criando a sua própria administração, bem como escolas, clínicas e um sistema de comércio, com Lojas do Povo, semelhantes às criadas pelo Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde ( PAIGC) na Guiné-Bissau.

Em março de 1968, Mondlane anunciou a abertura de uma nova frente militar na Província de Tete, sede do Projeto de Cahora Bassa e, quatro meses depois, a FRELIMO realizou o seu segundo Congresso em Machedje, no Niassa.

Durante a Conferência de Cartum, que teve lugar em janeiro de 1969, o movimento foi reconhecido pela Organização Afro-Asiática de solidariedade entre os povos e pelo Conselho da Paz, patrocinado pelos Soviéticos, como a "única autoridade Legítima" de Moçambique.

### 3.6 AS RAÍZES DO PARTIDO FRELIMO

A Frente de Libertação de Moçambique cristalizou as experiências seculares da opressão colonial, da dor comum dos seus filhos na humilhação, deportação e assassinato. Ela sintetizou as tradições históricas mais gloriosas da resistência contra os invasores e conquistadores. Assim, a FRELIMO foi capaz de unir todo o Povo do Rovuma ao Maputo na base de um programa que respondia aos interesses profundos do Povo. A FRELIMO manifesta-se por isso como o produto histórico da luta multissecular do Povo.

O colonialismo para dominar o nosso Povo recorreu à divisão. Utilizou as estruturas arcaicas das sociedades tradicionais-feudais, fomentou o tribalismo e o regionalismo, erigiu como virtudes da sociedade o que eram fraquezas conducentes à sua subjugação e absorção pela sociedade capitalista nascente. Mas o colonialismo, como todas as formas de dominação, trazia a contradição no seu seio; o germe da revolta, provocada pela dor e humilhação, criava a unidade dos homens para derrubar o opressor comum. A FRELIMO foi então o catalisador dessa vontade de unidade fornecendo a linha política correta para a libertação e dando nascimento ao Partido que hoje dirige o Povo na construção do seu futuro livre, a Sociedade Socialista e atualmente democrática.

As contradições antagônicas que opunham as massas populares ao colonialismo, sistema de exploração e opressão estrangeiras, eram idênticas em todo o território moçambicano. As grandes companhias concessionárias que monopolizavam a compra das culturas obrigatórias eram tão odiadas pelo camponês de Cabo Delgado, como pelo camponês de Nampula, de Tete ou da Zambézia. Os colonatos portugueses, fruto da usurpação das terras mais férteis, eram roubados às

massas rurais no Limpopo da mesma forma como o eram em Mandimba ou em Montepuez, no Gurué, no Chimoio ou em Moamba.

O trabalho forçado era uma constante da vida do moçambicano colonizado, de todas as tribos, de todas as religiões, do campo ou da cidade. A exploração da fábrica irmanava o operário do Monapo, com o de Moatize, do Dondo, do Chókwè ou Língamo.

Por isso, os moçambicanos que em 1962 se reuniram em Dar-Es-Salaam no 1º Congresso da FRELIMO, provenientes de todas as regiões, tinham experiências comuns. Eles tinham vivido sofrimentos comuns, traziam em si a semente da unidade forjada na dor comum. (FRELIMO, 1962).

A FRELIMO, em 25 de junho de 1962, era a materialização da plataforma de unidade mínima objetivo já existente, a emanção daquilo que de comum tinham as massas populares moçambicanas.

Desde o início, no entanto, foi necessário lutar contra as concepções erradas com que o colonialismo tinha impregnado a mente de muitos militantes. A história da FRELIMO está cheia desses exemplos, que devem ser estudados e analisados. O tribalismo—e o regionalismo estavam evidentes ainda nos combatentes que em setembro de 1964 iniciaram a luta armada de libertação nacional. No período de treino na Argélia, em Bagamoye e em Kongwa, muitos deles foram motores de indisciplina e liberalismo e até de deserções porque pensavam ainda em termos de tribo e região. Foi necessário um grande trabalho de esclarecimento, por meio da discussão coletiva, para ultrapassar esses males e, então, iniciar a luta armada. "Muitos deles depois se tornaram exemplares, entregaram totalmente as suas energias, a sua saúde e a sua vida à causa da liberdade." (FRELIMO, 1962).

### 3.7 A FRELIMO E O POVO NAS ZONAS LIBERTADAS

É no decurso da história da luta de libertação nacional que a FRELIMO consolidava profundamente a sua essência popular, graças aos métodos corretos de trabalho fundados na busca de soluções populares para ultrapassar as contradições e conflitos. Na organização da vida nas zonas libertadas, as reuniões populares constituíam uma componente chave da sociedade que nascia.

Com efeito, era nas reuniões populares que, mediante a participação direta e franca das massas, se organizava a vida coletiva, se definiam as prioridades, se

distribuíam as tarefas e as responsabilidades. Era na prática da organização da vida numa situação de guerra, que as massas populares interiorizavam o centralismo do espírito de camaradagem como nova maneira de o povo viver.

"Das reuniões organizativas da vida do povo nas zonas libertadas, nasceu a divisão de tarefas, de acordo com as necessidades do momento e segundo as possibilidades de cada um". (FRELIMO, 1967).

As sugestões sobre a organização do trabalho são canalizadas às estruturas superiores, discutidas nos coletivos e depois surgem como normas de ação. Isto só é possível quando o povo está organizado, numa perspectiva coletiva. A planificação das tarefas é feita conjuntamente e depois a sua aplicação é feita de maneira dispersa, de acordo com as tarefas que a cada um compete realizar. A vida coletiva, o centralismo democrático, a vontade de edificar a nova sociedade, são indissociáveis da própria FRELIMO. Quando o povo se reúne e discute um problema da comunidade, quando critica uma solução errada, quando analisa uma experiência vivida, isso é uma reunião da FRELIMO, é a maneira de viver da FRELIMO, a forma de trabalhar da FRELIMO.

A tradição que se criou desta profunda união entre a FRELIMO e o povo na sua vida quotidiana, a democracia nos métodos de trabalho, a identificação entre os anseios das massas e os objetivos da luta, consolidam cada vez mais a FRELIMO como emanação dos interesses e da luta histórica de todos os moçambicanos que se reencontram como Nação. O povo, enquadrado pela FRELIMO, assume consciência do seu papel de motor do processo revolucionário.

Para a FRELIMO O POVO É UMA ENTIDADE CONCRETA. A FRELIMO, a vanguarda da Revolução combate com firmeza os que demagogicamente, em nome do povo, se apresentam com seus representantes, para impor interesses egoístas e sectários. (FRELIMO, 1967)

A experiência da revolução moçambicana é fecunda em exemplos da ligação permanente com as massas, da auscultação e discussão aberta dos problemas, do pedido de propostas de soluções, de decisões e orientações do Partido e do Governo em conformidade com essas consultas e discussões. Assim foi durante a luta de libertação, no processo de implantação das estruturas de direção das zonas libertadas; assim foi após a independência, com a preparação do III Congresso da FRELIMO, com as Eleições para as Assembleias do Povo; assim tem sido com

importantes leis populares. Assim se está a processar a organização das Cidades e dos Bairros Comunais.

E tem que ser assim porque é o povo que é motor do avanço, do progresso das sociedades. É o povo quem encontra as soluções mais justas para os seus problemas. É o povo que faz a História. Só o povo tem séculos de conhecimentos acumulados. Só o povo tem na memória os quinhentos anos de colonialismo, do Rovuma ao Maputo, de Tete ao Oceano Índico. O povo é cada um de nós, os pais de cada um de nós, os pais dos nossos pais. O povo conhece cada geração, todas as gerações. A prática do recurso permanente ao povo tem demonstrado ser uma prática correta. Cada vez que recorremos ao povo, cada vez que o povo se encontra, reforça-se o pensamento comum, consolidam-se as aspirações populares, tempera-se a identidade nacional e de classe. Vamos ao povo para reforçar o que nos une e lutar contra o que nos divide. “Vamos ao povo preparar o combate, para purificar as nossas fileiras, para organizar a nossa vitória.” (FRELIMO, 1967).

A Campanha Nacional de Estruturação do Partido, após o III Congresso, constituiu um exemplo desta longa tradição, e confirmou mais uma vez que o povo quer a Revolução, demonstrou mais uma vez que as massas populares são a garantia da vitória do socialismo.

A Campanha Nacional de Estruturação do Partido foi o ponto mais alto deste longo itinerário, no decurso do qual, o povo foi filtrando as fileiras da FRELIMO, foi caracterizando a sua natureza revolucionária e de classe.

### 3.8 O PAPEL DO CAMPESINATO NAS ZONAS LIBERADAS E SUJEITO HISTÓRICO DA NOVA SOCIEDADE

Quando em 1962 nos reunimos para criar a FRELIMO éramos ainda essencialmente macondes, nianjas, senas, macuas, rongas\_eajauas. A constituição da FRELIMO, em 25 de junho, foi o primeiro passo em frente para a unidade, o salto para a dimensão nacional. Do ódio ao colonialismo partimos para a experiência comum da luta. Mas quem alimentava a luta, quem constituía as fundações da nova sociedade que se criava eram as largas massas camponesas. No quadro da contradição global que opunha o moçambicano à ocupação estrangeira começou a ser predominante a contradição que opunha as largas massas camponesas exploradas à sociedade de exploração.



Quando nas zonas libertadas a FRELIMO começou a organizar a vida do povo, surgiram elementos no seio da organização que embora lutassem contra o colonialismo, pretendiam substituir-se apenas a ele e continuar a exploração do povo. Estes novos exploradores abusaram e enganaram durante algum tempo a confiança das massas, porque eram enviados pela FRELIMO. Mas foi o próprio povo organizado, que no quadro das reuniões públicas, os denunciou.

É deste modo que " a organização da vida nas zonas libertadas desencadeava o processo da luta interna entre os interesses das massas e a ambição dos novos exploradores. São as massas camponesas que denunciando as reacionárias precipitavam a confrontação entre as duas linhas da Direção da Frente." (FRELIMO, 1967).

A linha correta da FRELIMO, contribuía para o enraizamento popular, onde os dirigentes revolucionários desta frente, permitiam distinguir sempre as contradições principais e secundárias. Assim, a luta contra o colonialismo, nunca parou, e na eliminação das forças reacionárias ganhavam-se novas energias para alargar a nossa base social e intensificar a luta contra o colonialismo. Engajadas diretamente na tarefa principal, que era a luta armada de libertação nacional, educadas, mobilizadas e organizadas pela FRELIMO, dirigidas por uma linha política correta, expressão das suas aspirações mais profundas, as massas camponesas ganharam um alto nível de consciência que lhes permitiu combater simultaneamente com sucesso o colonialismo português e os exploradores internos.

Nas zonas libertadas foram as massas camponesas que lançaram as bases da nova sociedade. A FRELIMO sempre recebeu apoio junto a população moçambicana, a qual ajudava o transporte de material bélico e gêneros alimentares. (FRELIMO, 1967).

É no exemplo de vida organizada dos camponeses durante a guerra popular de libertação que o Povo moçambicano independente busca a inspiração para a edificação a todos os níveis da nova vida.

É no exemplo de vida organizada do campesinato nas zonas libertadas, é na aliança íntima com o campesinato que reside um dos principais fatores determinantes do rápido crescimento da consciência de classe operária do moçambicano. Isto explica-se porque o campesinato em Moçambique é sujeito histórico da nova sociedade independente e democrática. O encontro das massas camponesas com a produção organizada e com a técnica mais moderna, a apropriação pelas massas dos

meios de produção, a vida coletiva e o pensamento comum fazem crescer e consolidar-se o proletariado moçambicano: o operário industrial, o operário agrícola, organizado na sua vanguarda de classe, o Partido FRELIMO, é o proletariado que constitui a força dirigente do processo que transforma a sociedade edificando a Sociedade Socialista. Foi no ventre fértil da luta multissecular das massas camponesas oprimidas pelo estrangeiro e pelo feudalismo que germinou a NAÇÃO Moçambicana.

Outros exemplos vivos das Zonas liberadas, reportam que os guerrilheiros da FRELIMO, com apoio logístico da população local, eram capazes de vigiar, perseguir e fugir empregando técnicas de guerrilha.

### 3.9 UNIDADE, NAÇÃO E REVOLUÇÃO

No processo da luta, todos sofrem as mesmas dores nas longas caminhadas, todos lutaram pela mesma causa, todos aspiram à mesma liberdade, todos igualmente choram o companheiro que tomba e todos queriam construir a mesma sociedade. Neste processo, as diferenças vão se esbatendo e o homem do Norte e do Sul, o maconde ou o changane, descobrem que nada os divide, descobrem que tudo os une, desde a vida de sofrimento colonial até à vitória gloriosa nas batalhas. Ambas as vítimas do mesmo opressor, lutando contra ele; entenderam-se na mesma língua de combate, cantando canções juntos, passando fome e comendo os mesmos alimentos. Tudo isto os unia, os irmana e os faz ganhar consciência da sua identidade, da sua qualidade de trabalhadores antes de tudo o mais. A luta armada foi o processo catalisador da unidade nacional, e da unidade de classe, simultaneamente forjadas. A Nação moçambicana nasce contra a burguesia e feudalidade, nasce baseada na solidariedade de classe, no combate de classe.

É esta razão que obrigou a lutar tenazmente contra todas as formas de tribalismo, racismo ou regionalismo, que nos divide, e abre o caminho às falsas identidades que se tornam canal de penetração do inimigo, sua camuflagem e refúgio.

Os combatentes da Frente Popular de Libertação de Moçambique (FPLM), provenientes de todas as províncias, viveram, lutaram, sacrificaram-se irmanados na mesma causa, enquadrados nas mesmas estruturas. No seio do campesinato de Cabo Delgado, Niassa e Tete, como mais tarde em Manica, Sofala e Zambézia os guerrilheiros, as massas populares em armas forjaram com o seu sacrifício, com a sua

vida, esta nova dimensão, quebraram com a sua consciência as barreiras do tribalismo, regionalismo, racismo, lutaram sem tréguas contra todas as formas de divisionismo. Eles eram o povo mesmo. Tal como o peixe nada nas águas, o guerrilheiro tinha identificação imediata com o povo das zonas em guerra.

No processo de luta pela nossa libertação total se cria a nova unidade fundada na descoberta de um passado comum, dos mesmos sacrifícios consentidos, da mesma história, dos mesmos interesses.

Estes são os elementos básicos, o cimento que une os homens, estes são elementos da consciência nacional. A luta por um determinado território, a luta pelo Moçambique destas fronteiras, cria também gradualmente a idéia de nação-território, fundamental para a criação da consciência nacional.

No processo da luta pela nossa libertação total se enriquece a nova unidade na libertação da cultura popular, na dialética entre tradição e revolução, na descoberta da personalidade moçambicana. Sobre as cinzas do divisionismo se edifica uma forma superior de unidade baseada nos interesses das massas trabalhadoras, a Nação.

A FRELIMO, desde sempre, assumiu a importância decisiva e revolucionária deste fato, fazendo do combate contra todas as formas de divisionismo um dos combates permanentes e fundamentais da luta pela liberdade, um instrumento da luta de classes.

Por isso a Nação que concebemos representa um nível superior de unidade: a Nação socialista.

Isto significa que o combate pelo fim da opressão e da exploração do homem pelo homem leva necessária e inelutavelmente a uma sempre maior unidade de pensamento e de ação. Na tradição da FRELIMO, o conceito de unidade nunca assumiu um caráter estático, moralista ou mecanicista.

A unidade sempre foi concebida de forma dialética, segundo o critério da UNIDADE-CRÍTICA-UNIDADE, como uma constante do desenvolvimento, de cada um de nós e do progresso de toda a sociedade.

A Nação socialista pressupões uma unidade sempre mais perfeita através de um crescimento ininterrupto do nível de consciência de classe de cada cidadão, tornando o homem livre, realizado finalmente como HOMEM COMUNISTA. (FRELIMO, 1967).

É uma estrada sem fim que a Humanidade deve percorrer, um caminho sinuoso feito de avanços e recuos, de vitórias e derrotas. É a luta constante entre o velho e o novo à escala mundial.

### 3.10 A CRISE NA FRELIMO

No dia 3 de fevereiro de 1969, o primeiro Presidente da FRELIMO Eduardo Chivambo Mondlane, foi assassinado na Tanzânia, pela agente da Polícia Internacional e de Defesa do Estado (Português) (PIDE). Para o seu posto, como o novo dirigente da FRELIMO, foi nomeado Samora Machel, o qual viria conduzir com sucesso a luta armada em Moçambique, tornando o seu Presidente depois do País ter se tornado independente de Portugal em 1975. Machel era considerado mais "radical" que Mondlane e representava a ala Militar da FRELIMO.

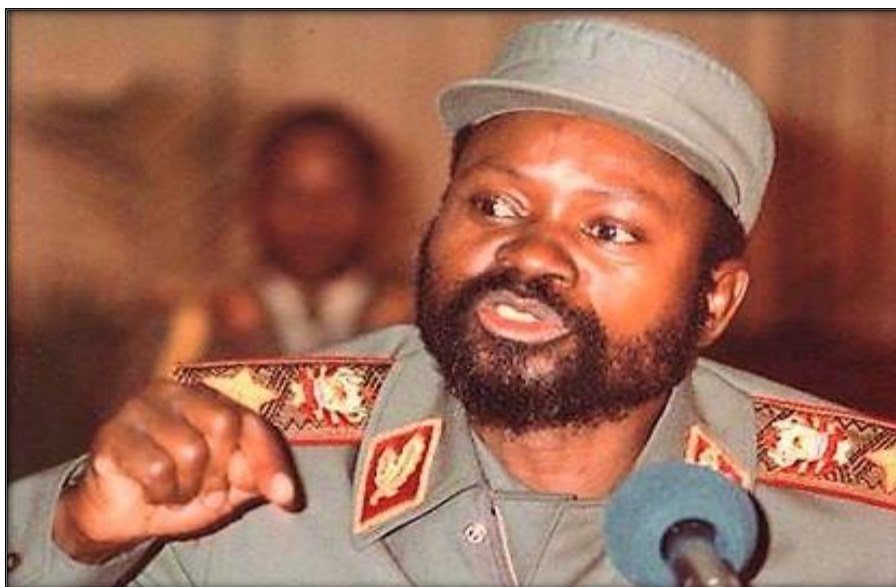


FIGURA 4 – Foto do Presidente Samora Moises Machel  
FONTE: <https://www.gettyimages.pt>.> fotos...

O movimento de Libertação Nacional de Moçambique elaborou um discurso e uma estratégia contra o Colonialismo Português dentro de um modelo bem particular de Luta; incorporaram questões específicas da identidade africana, aliado a um discurso enquadrado aos paradigmas marxistas. Com a reestruturação do Partido, a FRELIMO, conseguiu obrigar Portugal adotar estratégias defensivas contra a guerrilha e, ainda que essas medidas não tenham ajudado os Portugueses a ganhar a guerra, elas contribuíram para criar uma oposição à frente de Libertação, algo que teria impacto no período pós-independência, segundo Newitt.

A FRELIMO acreditava ser possível ignorar aqueles grupos que tinham sido fortemente associados ao regime colonial e falhou ao não perceber a latente e forte oposição que existia a sua tomada do poder.” (CHABAL, 2002, p.190).

Os Portugueses procuraram se apoiar nas lideranças tribais tradicionais, as quais eram destruídas pela FRELIMO nos territórios liberados. Por outro lado, como forma de criar uma economia mais desenvolvida, esvaziando o ímpeto da guerrilha, e um pólo próspero no Centro do País que os barrasse, os Portugueses iniciaram a construção da hidrelétrica de Cahora-Bassa no rio Zambeze. A energia seria vendida, principalmente, à África do Sul. Para evitar que a guerrilha atacasse o canteiro de obras, grandes contingentes foram imobilizados na região, criando um corredor pouco guarnecido, o qual permitiu à guerrilha infiltrar-se ao sul; ocorre porém, que a FRELIMO não desejava atacar uma obra que seria vital para a economia após a independência.

#### 4. OPERAÇÃO NÓ GÓRDIO

Na perspectiva de conseguir derrotar a guerrilha, após a morte de Eduardo Mondlane em 1969, o Exército Português desencadeou a operação denominada Nó Górdio, que consistiu numa grande ofensiva de cerco contra a FRELIMO. A operação, porém, não atingiu o sucesso esperado. A partir desse momento a Frente de Libertação foi conquistando espaço e apoio da população—e zonas libertadas foram sendo criadas. Este avanço por parte da guerrilha conduziu as primeiras fissuras dentro do próprio movimento, mas especificamente na concepção da Linha Política que estava se processando na Luta, dividindo se em linhas revolucionária e linha reacionária.

Os revolucionários argumentavam que a produção dos bens alimentares, para além do que os camponeses necessitavam para a sua própria sobrevivência, devia ser coletiva. [...] As forças moderadas eram da opinião que nas zonas libertadas devia haver um sistema comercial privado, que comprasse os excedentes dos camponeses em troca de bens de consumo. (ABRAHAMSSON; NILSON, 1994, p.33).

A linha revolucionária conquistou o espaço no seio da organização armada e lançou a base da concepção política adotada pela FRELIMO durante o processo de preparação da independência nacional de Moçambique.

A **Operação Nó Górdio** foi a maior e mais dispendiosa campanha militar portuguesa na província ultramarina de Moçambique, na África Oriental. Decorreu em 1970, durante a Guerra Colonial Portuguesa (1961 - 1974). Os objetivos desta campanha consistiam em erradicar as rotas de infiltração das guerrilhas independentistas ao longo da fronteira com a Tanzânia e destruir as suas bases permanentes em Moçambique. A Nó Górdio durou sete meses, mobilizou no total trinta e cinco mil militares e foi parcialmente bem-sucedida.

A operação consistia num cerco intenso com vista ao isolamento do núcleo central do Planalto dos Macondes, onde se encontravam as grandes bases de Gungunhana (objetivo A), Moçambique (objetivo B) e Nampula (objetivo C). Após conseguido o isolamento, estava programado o assalto e destruição destes objetivos. Atingindo estes objetivos, esperava-se uma desarticulação e desmoralização da FRELIMO, embora esta não tenha sido impedida de atuar em qualquer dos teatros de operações, conforme se verificou posteriormente.

O Nó Górdio foi lançado sob ordens de Kaúlza de Arriaga, entretanto promovido a comandante-chefe após oito meses de comando de forças terrestres no teatro de operações moçambicano, e executada pelo Comando Operacional das Forças de Intervenção (COFI). O início da Operação Nó Górdio foi marcado para 1 de Julho de 1970, com a presença do general Comandante-Chefe e do seu Estado-Maior em Mueda, prolongando-se até 6 de agosto, tendo participado mais de oito mil homens, onde se incluía a totalidade das forças especiais (Comandos, Paraquedistas e Fuzileiros Navais) e dos Grupos Especiais e a quase totalidade da artilharia de campanha, unidades de reconhecimento e de engenharia. Esta operação incluía ação psicológica, com uma secção instalada em equipas de ação psicossocial em Mueda e no Sagal.

Segundo os relatórios em Portugal, foram mortos 651 guerrilheiros e 1840 capturados contra 132 militares portugueses mortos. Kaúlza de Arriaga reivindicou também que as suas tropas teriam destruído 61 bases e 165 campos, e capturadas 40 toneladas de munição, apenas nos primeiros dois meses. Estima-se que 50% das baixas portuguesas tenham sido causadas por engenhos explosivos.



FIGURA 5 – Foto da Operação no Górdio  
 FONTE: <http://ultramar.terraweb.biz/nogordio.jpg>

"Para o cumprimento da execução deste plano da Operação Nó Górdio, foram constituídos sete agrupamentos: - dois para o cerco (Norte e Sul) e quatro de intervenção, um para cada objetivo e um para reserva. GOMES, Carlos de Matos (2002). Moçambique 1970: Operação Nó Górdio. Lisboa: Prefácio. 76 páginas. "

#### 4.1 CAPTURA MAIS DE UMA CENTENA DE SOLDADOS PORTUGUESES

Além de ter inviabilizado a OPERAÇÃO NÓ GÓRDIO, a FRELIMO, voltou a infligir, mais uma vez, uma derrota militar vergonhosa ao Exército Colonial Português em 1 de agosto de 1974 em Cabo Delgado, no distrito de Mueda, no Posto Administrativo de Namatili, também conhecido por Posto Omar, ou simplesmente Nambiliyao.

Num combate planificado até ao mínimo detalhe, os guerrilheiros da FRELIMO atacaram e assaltaram Namatili, capturando cento e trinta e sete (137) soldados Portugueses, com as suas respectivas armas sem disparar um único tiro.



## 5. ESTADO PORTUGUÊS EM CRISE

### 5.1 A REVOLUÇÃO DOS CRAVOS SUA ORIGEM

A Revolução dos Cravos aconteceu praticamente sem violência, com apenas quatro mortos. Diante da vitória rápida e sem hostilidades, dizem que como forma de agradecimento aos soldados rebeldes, foram oferecidos Flores perante a população que se encontravam no mesmo regime de manifestação. Outras versões afirmam que foi uma pedestre que voltava do trabalho. De todas as maneiras, a flor foi entregue aos soldados, que as puseram nos canos dos fuzis. Os cidadãos que saíam às ruas para comemorar, também pegavam cravos e assim, esta flor ficou como o símbolo e nome da revolução.

**A Revolução dos Cravos**, ocorrida em Portugal, foi um golpe militar realizado em 25 de abril de 1974 e que pôs fim aos 41 anos de ditadura salazarista. Trata-se de um dos mais importantes acontecimentos históricos da década de 70. No dia 25 de Abril de 1974 Os portugueses não suportavam mais as imposições do regime salazarista, de forma que um grupo de militares, os chamados "capitães de abril", começaram a planejar sua deposição. Houve uma primeira tentativa em março, mas esta não teve sucesso. Desta maneira, um mês depois, outra investida é feita e no dia 25 de Abril de 1974, as ruas de Lisboa se tornam o palco do golpe militar que conseguiu depor o presidente Marcello Caetano. Caetano se rendeu às 19h30 desse dia e seguiria para o exílio no Rio de Janeiro, onde faleceria.



FIGURA 6 – Foto da Revolução dos Cravos em Lisboa

FONTE: <https://cdn1.newsplex.pt/fotos/2017/4/25/581058.jpg?type=artigo>

Deste modo, a situação interna de Portugal, também foi um dos fatores que favoreceram o fim da guerra em proveito da FRELIMO. No ano de 1974, em Portugal, ocorreu a Revolta dos Cravos, desencadeada pela revolta militar de 25 de Abril, dando início a um período de instabilidade política com a troca de Governo. As autoridades Portuguesas discordavam quanto aos rumos que deveriam tomar em relação à disputa que ocorria em Moçambique. O presidente Spínola desejava ver uma transição lenta em direção à independência, valendo-se, para isso, de tentativas de criação de partidos políticos moderados que pudessem contrabalançar o peso da FRELIMO e atuar como oposição vitoriosa em uma possível eleição. Em contrapartida, os oficiais do Movimento das Forças Armadas (Portugal) MFA, politicamente mais próximos da esquerda, buscavam uma solução mais rápida, com objetivo depor fim à presença militar Portuguesa na região.

As divergências dentro do Governo Português abriram espaço para que a FRELIMO chegasse até às Cidades Costeiras. A inconsistência das atitudes Portuguesas criou um vácuo de poder em Moçambique, permitindo que a FRELIMO expusesse suas reivindicações para encerrar o conflito. Contrariamente ao desejo inicial do presidente Spínola, o partido político Moçambicano buscava uma transferência imediata de poder sem realização de eleições. As demandas do grupo foram atendidas no Acordo de Lusaka, de 7 de setembro, após a negociações iniciadas em agosto de 1974. Ao tomar essa posição a FRELIMO esperava evitar a formação de grupos políticos opositorista, o que era uma possibilidade latente uma vez que sua presença não estava consolidada em todo território e que um dos grupos populacionais do Norte, os Makuas, discordavam do domínio da FRELIMO.

## 5.2 CONSEQUÊNCIAS DA REVOLUÇÃO DOS CRAVOS

Dentre as consequências da revolução, destaca-se o fim da guerra colonial e o reconhecimento da independência das colônias portuguesas na África:

- Guiné-Bissau, em 9 de setembro de 1974;
- Moçambique, em 25 de junho de 1975;
- Cabo-Verde, em 5 de julho de 1975;
- São Tomé e Príncipe, em 12 de julho de 1975; e
- Angola, em 11 de novembro de 1975.

A independência desses territórios provocou a volta de milhares de portugueses de maneira desordenada, o que viria a ser um transtorno para o novo governo.

## 6. ACORDOS DE LUSAKA

Os Acordos de Lusaka foram assinados no dia 7 de setembro de 1974, em Zâmbia, entre o Estado Português e a Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO), movimento nacionalista que desencadeou a Luta Armada de Libertação Nacional, com o objetivo de conquistar a independência de Moçambique.

Nestes acordos o Estado Português reconheceu formalmente o direito do povo de Moçambique à independência e, em consequência, acordou com a FRELIMO o princípio da transferência de poderes, ou seja, transferência da soberania que detinha sobre o território de Moçambique (Cláusula 1). No âmbito dos mesmos acordos foi igualmente estabelecido que a independência completa de Moçambique seria solenemente proclamada no dia 25 de junho de 1975, data que coincidiria, propositadamente, com o aniversário da fundação da FRELIMO (Cláusula 2).

Além dos princípios já enunciados (o da independência e o da transferência de poderes), os Acordos de Lusaka estabeleceram, relativamente ao território de Moçambique, o regime jurídico que vigoraria durante o período de transição para a independência (período a iniciar com a assinatura dos acordos e a terminar com a proclamação da independência de Moçambique, Cláusula 3). Tal regime consistiu, essencialmente, numa bipartição de poderes sobre o território, tendo-se confiado a soberania ao Estado português, representado por um Alto-Comissário (Cláusula 4) e o governo ou administração à FRELIMO, a quem foi reconhecida a prerrogativa de designar não só o primeiro-ministro como também dois terços dos ministros do Governo de Transição (cláusulas 6 e 7).



FIGURA 7 – Foto de assinatura de Acordo de Lusaka

FONTE:<http://opais.sapo.mz/upload/files/2017/setembro/semana%202/lusaja.jpg>

Com este resultado de Acordo de Lusaka, de 7 de setembro de 1974, um Governo transitório foi instalado. O seu principal objetivo era estabelecer um ambiente político e econômico propício para a independência, marcada para ocorrer em 25 de junho de 1975, quando Samora Machel assumiria a presidência do País.

## 7. PROCLAMAÇÃO DA INDEPENDÊNCIA NACIONAL

A 25 de junho de 1975 foi proclamada a independência de Moçambique, território colonizado pelo império português a partir de finais do séc. XV e inícios do séc. XVI. Em 1964, a Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO) iniciou a luta armada contra o Estado Novo porque este não reconheceu as pretensões autonomistas e independentistas existentes no território. A guerra colonial terminaria com o golpe militar de 25 de Abril em Portugal e, no seguimento dos acordos de Lusaka a 7 de setembro de 1974, teria lugar a passagem de administração do território de Moçambique para a FRELIMO, em representação do povo moçambicano, a 25 de junho de 1975. Uma frase por dia “Pão, paz, terra, liberdade, independência nacional”.



FIGURA 8 – Foto de Proclamação da Independência Nacional

FONTE: <https://moznews.co.mz/wp-content/uploads/2017/06/independ%c3%aancia-1024x688.jpg>

## 8. CONCLUSÃO

Em gesto de conclusão do presente trabalho, importa destacar os acontecimentos que assolaram ao Povo Moçambicano, dando menção que um dos marcos que permitiu a ocupação portuguesa no território Moçambicano, foi a Conferência de Berlim, realizada entre 1884 e 1885, onde estiveram reunidas 14 potências imperialistas do século XIX, para debater a ocupação do continente africano, em busca da matéria prima para a Metrópole, deste modo, Portugal ocupou militarmente o território Moçambicano, tendo colonizado por cerca de 400 anos. Devido aos maus tratos e trabalhos forçados, o Povo Moçambicano, começou a exigir a Independência Nacional, em resposta, o Povo era torturado e proibido de falar da independência. Um dos acontecimentos que espelha esta ação, registrou se no dia 16 de junho de 1960, em Mueda, onde a População foi massacrada exigindo a sua liberdade, aumento de preço de compra dos produtos e o melhoramento das condições de vida. Esta data histórica, até hoje, é conhecida como Massacre de Mueda, onde perderam a vida aproximadamente seiscentas (600) pessoas assassinadas pela Tropa do Exército Português, segundo as fontes históricas.

Durante o período de dominação em destaque, os Portugueses não aceitavam ceder a independência Nacional por via pacífica ao povo Moçambicano, fato que obrigou a manifestação total e ocasionando a criação dos três movimentos nacionalistas políticos, nas regiões Norte, Centro e Sul do País, sendo UNAMI, UDENAMO e MANU, que contribuíram numa forma estratégica para a criação do movimento único, dando origem à FRELIMO no dia 25 de Junho de 1962, unificados na Tanzânia pelo Dr. Eduardo Chivambo Mondlane.

Depois desta unificação, nos dias 23 a 28 de setembro de 1962, foi realizado o primeiro congresso da FRELÍMO, em Dar-Es-Salaam na Tanzânia, onde a FRELIMO oficializou o movimento que acabava de ser criado, com a união dos Moçambicanos e tomaram a decisão do futuro de Moçambique, tendo como lema, a luta armada para liquidação do Colonialismo Português, rumo à independência Nacional.

Portanto, no dia 25 de Setembro de 1964, a FRELIMO, iniciou com a Luta Armada no Posto Administrativo de Chai, atual Província de Cabo Delgado, a qual prolongou durante Dez anos da Luta Armada e no dia 7 de Setembro de 1974, em Lusaka, a FRELIMO e o Governo Português, assinou os acordos de Lusaka que

visava a transferência de poderes bem como a soberania e a respectiva independência para o Povo Moçambicano .

A estratégia militar empregue pela FRELIMO, durante a Luta de Libertação Nacional de Moçambique, criou condições à FRELIMO, alcançar com êxito os objetivos definidos e tendo como resultado a obrigação do Governo Português a reconhecer formalmente o direito do povo Moçambicano à Independência Nacional e o princípio da transferência de Poderes, ou seja, transferência da Soberania que detinha sobre o território de Moçambique. Contudo, no dia 25 de junho de 1975 o País, tornou-se independente graças o fruto da luta armada desencadeada pela Frente de Libertação de Moçambique – FRELIMO, que até certo ponto, era necessário sacrificar as vidas para atingir os objetivos determinados.



## REFERÊNCIAS

Segundo as fontes da Internet, site: enciclopédia Livre, [https://PT.wikipédiaorg.wiki/Distritos de Moçambique por Província](https://PT.wikipédiaorg.wiki/Distritos%20de%20Moçambique%20por%20Província); [https:// Mozteorico. Blogspot. com](https://Mozteorico.Blogspot.com); [https:// Wikipédia.org Moçambique](https://Wikipédia.org%20Moçambique) e [https://apsaber.blogspot.com/2016/09/hidrografia de Moçambique.html](https://apsaber.blogspot.com/2016/09/hidrografia%20de%20Moçambique.html) do dia 19.04.2019;

"A memória de Ngungunhanefoi concebida para promover a unidade Nacional". (O escritor moçambicano Mia Couto, 2018);

"União dos três movimentos sendo UDENAMO, MANU e UNAMI, para a fundação DA FRELIMO em Dar-Es-Salaam, na Tanzânia, em 25 de Junho de 1962". (FRELIMO,1962);

"O primeiro congresso da FRELÍMO, foi realizado no dia 23 a 28 de setembro de 1962, em Dar-Es-Salaam na Tanzânia, onde a FRELIMO oficializou o movimento que acabava de ser criado". (FRELIMO, 1977, p.24);

"PACHINUAPA, Raimundo Domingos. Do Rovuma ao Maputo: a marcha triunfal de Samora Machel,primeiro presidente de Mocambique.Maputo". (2005; 12);

"MONDLANE, Eduardo Chivambo. Lutar por Moçambique, declaração da luta armada." (Mondlane, 1975:68);

"MONDLANE, Eduardo Chivambo. Lutar por Moçambique. Maputo". (Mondlane, 1995, p.114);

"CABAÇO, José Luis de Oliveira. Moçambique: identidades, colonialismo e libertação. Tese de Doutorado em Antropologia. São Paulo, Universidade de São Paulo (USP)". (Cabaço,2007, p.362-3);

"Experiências comuns de sofrimento, vividas pelos guerrilheiros da FRELIMO no primeiro congresso." (FRELIMO, 1962);

"Entrega total de energias, saúde e a vida dos guerrilheiros, em prol da causa da liberdade de Moçambique". (FRELIMO,1962);

"Sistema de planeamento das atividades nas zonas liberadas para o asseguramento da vida da população". (FRELLIMO, 1967);

"Criação de normas de controlo, visando garantir a melhor vigilância no seio das zonas liberadas." (FRELIMO, 1967).

"Povo Moçambicano como elemento determinante para a manutenção e purificação da FRELIMO." (FRELIMO, 1967);

"O papel do povo Moçambicano nas zonas liberadas, consolidando a Unidade Nacional." (FRELIMO, 1967);

"Nas zonas liberadas, as massas camponesas lançaram as bases da nova sociedade, a qual ajudava à FRELIMO, o transporte de material bélico e gêneros alimentares". (FRELIMO, 1967);

"Os princípios socialistas, permitiram, para a formação dos guerrilheiros da FRELIMO, consolidando o comunismo." (FRELIMO, 1967);

"CHABAL. Patrick ET AL. A History of postcolonial Lusophone Africa. London; Hurst & Company." (Chabal, 2002, P.190);

"ABRAHAMSSON. Hans; NILSSON, Anders. Moçambique em transição: um estudo de história de desenvolvimento durante o período 1971-1992. Maputo: CEGRAF, 1994." (Abrahamsson; Nilsson, 1994, p.33);

"GOMES, Carlos de Matos (2002). *Moçambique (1970): Operação Nó Górdio. Lisboa*": (Prefácio. 76 pág);

"CABAÇO, José Luis de Oliveira. Moçambique: identidades, colonialismo e liberação. Tese de Doutorado em Antropologia. São Paulo, Universidade de São Paulo (USP)". (Cabaço,2007, p.362-3).